

RESENHA

COMUNICAR Y EDUCAR EN EL MUNDO QUE VIENE

APARICI, Robert & MARÍN, David
Garcia Comunicar y educar en el mundo que viene. Barcelona: Ed.Gedisa, 2017

Keila Fernandes Santos^{1, 2}

Refletir sobre educação no mundo que vivemos e não cair nas mesmas discussões enfadonhas sobre metodologias e utilização de novas tecnologias em sala de aula, mesmo não caindo em fórmulas mágicas de como utilizar as novas ferramentas, não é uma tarefa fácil. Esse foi o desafio traçado pelo diálogo realizado pelos educadores Roberto Aparici e David Garcia Marin também presente no livro organizado por eles e demais autores com o título Comunicar y educar en el mundo que viene publicado no ano de 2017, pela editora Gedisa, Barcelona, Espanha. Os pontos-chaves da obra se detêm na educação comunicativa, educação digital interativa, novas narrativas, cultura da

¹ Interprete de Libras/Cesaf/MPTO. Graduada em Letras (UNIFEG), pós-graduada em Linguística e Língua Portuguesa (Falbe). Email. keilasantos@mpto.mp.br.

² Endereço de contato do autor (por correio): Cesaf/MPE-TO, Quadra 202 Norte, Avenida LO 4, Conjunto 1, Lotes 5 e 6, Plano Diretor Norte, Palmas- TO, Brasil, CEP 77.006-218.

participação, novos meios da narrativa digital e cultura digital aliadas a Comunicação e Educação.

Os professores são conhecidos pelos trabalhos apresentados sobre Educação e Comunicação pela UNED (Universidad Nacional de Educación a Distancia – Universidade Pública da Espanha fundada em 1972). O professor Roberto Apareci é diretor do Mestrado em Comunicação e Educação em Rede e professor da UNED, além de pesquisar sobre educação, educação digital interativa, novas narrativas e cultura de participação e transliteração; já o professor David Garcia Marin é pesquisador e professor da UNED, especialista em Comunicação e Educação. Ele é um dos principais especialistas espanhóis no estudo dos podcasting e transmissão, tendo como linha de pesquisa as novas mídias narrativas digitais e cultura digital. Grandes pesquisadores sobre a temática.

Os capítulos do livro estão baseados, em parte, nas conversas mantidas entre Roberto Aparici e David Garcia Marin sobre o debate entre a escola, as mídias comunicacionais e o mundo atual, bem como de outros pesquisadores que discutem a temática. O livro possui 12 capítulos que abordam de forma contextualizada os compartilhamentos de conhecimento entre teóricos como A. Toffer, D. Tapscott, P. McLaren, Jean Cloutier, George Siemens e muitas outras interações significativas. Como os próprios autores citaram em seu texto, o livro “não é uma obra profética” (APARICI & MARÍN, p. 13) e não pretende ser também uma “receita mágica” (APARICI & MARÍN, p. 13).

Roberto Aparici insiste que, mesmo que estejamos prestes a entrarmos na terceira década do século XXI, práticas educativas e comunicativas ligadas ao século XX ou até mesmo XIX são desenvolvidas em salas de aula, muitas delas

estão atadas às lógicas do mundo informacional da Era Industrial, com uma diferença, alguns elementos tecnológicos são usados nas trocas unilaterais de conhecimento. Por outro lado, o mundo atual se preocupa em discutir questões ligadas a robótica, big data, softwares, nuvens narrativas comunicacionais, fenômenos comunicativos e sociais (redes sociais), todos novos espaços de aprendizagem informais.

Desta forma, pode-se deixar de lado ao questionamento tão enfadonho que nos cerca a tanto tempo sobre Educação e Novas Tecnologias para uma perspectiva mais aberta e clara sobre os movimentos culturais já desenvolvidos fora dos muros lineares dos espaços acadêmicos para uma possibilidade mais virtual, mas mais concreta, pois, de fato, muitas práticas comunicativas e educativas convencionais deixaram de manter a conexão necessária com o mundo externo e sincronia com a cultura atual.

Respostas e propostas, no entanto, sobre a separação entre as instituições educativas e o mundo externo são indagações há muito tempo são debatidas e não respondidas, visto que o mesmo corolário de reflexões e discussões são mantidos e por que isso ocorre? Começaremos pela própria questão colocada pelos autores: Por que as escolas silenciam ou negam a cultura comunicacional atual?

Mesmo prestes a entrarmos na terceira década do século XXI, práticas educativas e comunicativas ligadas ao século XX ou até mesmo XIX são desenvolvidas em salas de aula, muitas delas estão atadas às lógicas do mundo informacional da Era Industrial. Transmissão de conhecimento baseada nas certezas dos sistemas industriais é o conhecimento que se perpetua nas escolas, com uma diferença, alguns elementos tecnológicos são usados nas trocas

unilaterais de conhecimento. Por outro lado, o mundo atual se preocupa em discutir questões ligadas a robótica, big data, softwares, nuvens narrativas comunicacionais, fenômenos comunicativos e sociais (redes sociais), todos novos espaços de aprendizagem informais. O mundo atual está dominado pelo software, visto que pequenos programas informáticos configuram intermediadores da comunicação da vida diária de jovens e adultos.

Talvez um grande dilema se abra em nossas cabeças: mesmo estando tão evidente as mudanças no século XXI, porque os modelos educativos continuam a perpetuar as mesmas propostas anteriores e ultrapassadas? Os professores respondem ao questionamento explicando que na educação dos últimos dois séculos, os jovens eram convertidos em experts, pois somente fora das salas colocavam em prática modelos baseados em colaboração, solidariedade e interação, por outro lado, crianças e jovens dentro das salas de aula praticavam a massificação da cultura oficial e fora a cultura popular, ou seja, a cultura informal das redes de amigos.

A ruptura com os modelos reprodutores estaria sendo silenciada ou até mesmo negada pelas redes educacionais que introduziam dispositivos informáticos em espaços escolares, mas sem variar os processos de ensino e aprendizagem. A concepção de escola (academia) que retroalimenta a práxis comunicativa da sociedade limitar-se-ia a retransmitir saberes memorizados e reproduzidos, que são concepções ultrapassadas, e não assumiriam novos modos de produzir saber com pedagogias inovadoras centradas na interatividade e incertezas, ou seja, os modelos educativos seriam desconectados com o mundo em que vivemos.

Entender os processos atuais de geração de conhecimento a partir dos movimentos sociais da cultura do ciberespaço foi a discussão principal dos autores, que abriram a possibilidade do leitor, acadêmico na área ou de áreas afins, navegar em discussões teóricas sobre a Web 2.0 e entender qual é a proposta da Pedagogia Digital Interativa para o século XXI. O modelo educativo, a partir da cultura participativa, horizontal e dialógica da Educomunicação, cria espaço para a expansão da cultura da participação e das práticas educativas mais interativas e participativas nesse contexto em discussão.

Contextualizar essa discussão, navegar sobre a Web 2.0 para verificar como esse novo caminho foi aberto, foi proposta dos primeiros capítulos do livro. Dessa forma, um dos pontos chaves para entendermos que, caso não ocorram as mudanças, teremos no futuro, bem próximo, estudantes analfabetos digitais.

A web 2.0 abre espaço a voz dos nativos digitais, pois as pessoas que estão sempre em interatividade por um lado podem se mostrar e falar sobre si mesmas nas redes, transformando sua vida privada em álbuns e posts como recursos para buscar audiência e para se manter conectado em diferentes redes de conectividade com amigos próximos, amigos dos amigos e outras múltiplas combinações, mas por outro a geração de conhecimento atualmente também é mediada pela rede. Não estar conectado a esse conhecimento gerado, evidência a exclusão digital que alguns podem sofrer.

Os membros da web 2.0 ou nativos digitais estão imersos na cultura da inteligência coletiva ou memória coletiva, pois os dados depositados em rede permitem que os usuários possam conhecer outros usuários e interagir com

eles a partir dos dados depositados por eles mesmos, formar o conhecimento virtual coletivo e em rede, sem linearidade ou necessidade de intermediações.

Essa interatividade no mundo virtual da Web 2.0, citada nos parágrafos anteriores, está vinculada primeiramente às aplicações que permitem ou não a participação do usuário, diferenciando a web 1.0, cujo conhecimento de informática era necessário, já na web 2.0 qualquer usuário pode gerir e participar da produção de conhecimento em rede. Essa interatividade está ligada diretamente à aprendizagem colaborativa e as teorias de coautoria. A caracterização de poder realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo, devido à velocidade de aparecimento das informações, a difusão rápida das ideias e a interação de conhecimento em rede, permitem revelar o pensamento cognitivo do nativo digital que vive uma lógica diferenciada de construção de conhecimento não linear, diferente do pensamento dos séculos anteriores.

Baseada nessas informações iniciais sobre a Web 2.0, dos membros dela e sua interatividade, as temáticas mais centralizadas no livro são traçadas de forma muito clara num contexto histórico para entendermos o que são os modelos apresentados sobre a Educomunicação e qual é a relação com os modelos de comunicação horizontal e da cultura da participação e porque as escolas atuais não utilizam esses conceitos em suas práticas pedagógicas.

De acordo com os autores, os modelos de Educação comunicativa ou Educomunicativos deixam as propostas tecnicistas das décadas de sessenta e setenta e fim dos anos noventa para trás e começam um novo caminho para a visão de utilização das mídias digitais a partir da virtualização dos cenários de comunicação e do mundo educacional por meio das e-learning (espaços virtuais de aprendizagem).

Os princípios pedagógicos da Educomunicação envolvem o intercâmbio de muitas atitudes e concepções, muitos de seus princípios dialogam com o professor brasileiro Paulo Freire, visto que o esforço para acompanhar as transformações externas, que restabelecem as relações entre a interatividade, educação e comunicação na era digital, dialoga com a interatividade entre educando e educador. Nessa perspectiva, ambos com posturas críticas podem deixar de utilizar a comunicação convencional e centrar-se em uma comunicação mais democrática, participativa e colaborativa, ou seja, mais próxima da atualidade virtual que permeiam as relações comunicativas do mundo externo e digital.

A cultura atual está ligada ao ciberespaço, isso não podemos negar, pois há o uso maciço de vários dispositivos fora do espaço da sala de aula. Os educadores (ou profissionais da educação a frente dessa nova perspectiva) não precisam ter somente conhecimentos técnicos sobre os instrumentos de comunicação e informação, mas precisam possuir habilidades para mediar os processos da interação na comunicação e não somente reproduzir os velhos paradigmas dos séculos anteriores frente ao modelo comunicativo e tecnológico linear e interativo.

Esses educadores precisam conhecer a cultura participativa, horizontal e dialógica encontrada nas comunicações virtuais que exploram tanto a self medias quanto a net medias, pois abrem a possibilidade do usuário participar da lógica de afinidade alimentada pela interação do indivíduo estar conectado ao um produto midiático que é compartilhado com outros de interesses comuns, como se fosse uma metáfora de biblioteca ou cérebro coletivo.

Os princípios básicos do ciberespaço como de ausência de hierarquia, espaço sem fronteiras, independência, divergência, auto-organização, abertura, horizontalidade, digital, escuta, liberdade de expressão e intercâmbio precisa ser constantemente utilizados nas concepções de um ensino que segue os modelos atuais do mundo em que vivemos, a traduzir, conforme a visão dos autores, a educação 2.0 ou modelo Educomunicativo, ou seja, aquela concebida a partir dos modelos provenientes da Web 2.0.

A relação professor e aluno, de acordo com os autores, deve ser realmente modificada para relações bidirecionais e horizontais. Para que isso ocorra, o intermediador deve capacitar-se continuamente sobre as novas ferramentas do contexto educativo como aprendizagem colaborativa, convergência de mídias e linguagens de multimídia e interatividade. O modelo comunicativo deve ser modificado visto que tanto professor quanto aluno deve ser atores do ato comunicativo, ou seja, o intercâmbio de papéis deve acontecer de fato, para que o Modelo Educativo 2.0 ou Educomunicativo possa produzir conhecimento a partir de concepções de colaboração e construção de conhecimento individual e coletiva, conforme modelos da cultura do ciberespaço.

Para os educadores que estão em redes públicas ou até mesmos nas Instituições de Ensino Superior, a realidade pode estar bem distante desta descrita pelos autores, visto que a escola atual continua desconectada desses modelos, mas a pedagogia digital interativa é uma pedagogia a ser construída, pois modelos vêm surgindo e algumas práticas já foram iniciadas. O modelo proposto é um modelo a ser seguido e copiado tanto na modalidade presencial quanto a distância.

Contudo, para aplicação do modelo significativo de interatividade comunicativa há necessidade de quebra de alguns paradigmas como: adaptação ao princípio de colaboração e cooperação; conhecimento deve estar em constante construção; narrativas e discursos bidirecionais devem ser construídos; reestruturação na organização dos modelos pedagógicos; novas funções devem aparecer nos espaços reais e virtuais dentro das universidades; criação de um currículo que se adapte na interação e interatividade atual dos conhecimentos em rede; novos ambientes de aprendizagem de colaboração e interação; rompimento com o modelo linear narrativo.

Entrando, por fim, nos temas finais do livro, nos deparamos com um olhar mais detalhista dos Educomunicadores sobre o Ciberespaço, contexto de incertezas e instabilidade que se abre em frente aos usuários e educadores, pois o espaço virtual aparentemente seguro também se torna, como os professores o traduziram, um “imenso jardim cercado” (APARICI & MARÍN, p.187). Como conhecemos o significado disso, vários caminhos podem te levar a vários lugares ou a lugar nenhum, por isso a discussão final abre espaço a discussão sobre os problemas, desafios e mitos que o espaço virtual abre aos usuários e educadores a desvendarem uma possível solução, além de os autores nos deixarem mais um presente inesperado no fim do livro, com a possibilidade de sairmos da leitura concreta e começarmos a interação em rede de maneira bem prática.

Apesar da aparência de bem estar proporcionado pelas tecnologias, alguns mitos aparecem na era digital e verdades absolutas devem ser investigadas, ou seja, a utilização da rede pode ter o outro lado da moeda. A comunicação on line, por muitas vezes, é garantida para poucos que possuem

destaque fora da rede, porque as conexões são facilitadas e o conhecimento tecnológico não trará grande importância nessas relações. Os usuários concentram suas atenções em poucos e um pequeno número de mídias, ferramentas e plataformas onde se concentram a maior parte do consumo e propaganda.

A Internet, dessa forma, gera uma falsa imagem de oportunidades igualitárias aos usuários, mas que não deixa de ser uma imagem falsa sobre a rede. A possibilidade de “viralizar” qualquer mensagem on line, é outro ponto discutido, pois, apesar da espontaneidade da divulgação, a comunicação viral segue métodos e estratégias de massificação de mensagem. Para facilitar essa estratégia, por várias vezes, os usuários criam contas falsas para facilitar a propagação de tais informações. A maior parte dos usuários não são coautores do conhecimento em rede, mas somente produtores e consumidores, visto que a própria rede evidencia o lado consumidor do usuário, muito mais do que seu produtivo e participativo.

A vulnerabilidade dos indivíduos se intensificou após o aparecimento da Internet das Coisas, pois os objetos do dia a dia das pessoas também estão conectados em rede, assim como seus usuários, a traduzir uma perda de privacidade, visto que todos estão conectados e vigiados mesmo fora do acesso concreto. Assim como temos a mistura do mundo virtual com o concreto, a inundação de informações dos espaços virtuais no dia a dia das pessoas também colaboram para mistura desses espaços, pois separar qualitativamente as informações torna-se algo improvável ao usuário.

Além do que já foi exposto, as notícias falsas (fake news) também geram a vulnerabilidade da rede, pois propagam conteúdos muitas vezes que não são

ditos verdadeiros e introduzem, devido à massificação da divulgação, pós-verdades com o objetivo de desinformar o usuário e influenciar na formação da opinião pública. Muitos problemas são encontrados, mas não há de se negar que o mundo das informações digitais pertence ao século XXI e não há como retroceder, assim como os modelos educacionais deverão se adaptar aos novos modelos interativos do mundo em que vivemos.

Contudo, o texto proporciona ao leitor, a reflexão e submersão a grande conhecimento histórico e sincrônico sobre o assunto da nova cultura do ciberespaço, a dar a oportunidade, a partir do conhecimento que tem sobre o assunto, participar e interagir com os professores sobre diversas temáticas relacionadas a Web 2.0, modelo Educomunicativo, Cultura da Participação e Narrativas Transmídias. Dessa forma, entendendo a prática educativa e comunicativa proposta para o século XXI, pode-se deixar de lado ao questionamento tão enfadonho que nos cerca a tanto tempo sobre Educação e Novas Tecnologias para uma perspectiva mais aberta e clara sobre os movimentos culturais já desenvolvida fora dos muros lineares dos espaços acadêmicos para uma possibilidade mais virtual, mas mais concreta, pois, de fato, muitas práticas comunicativas e educativas convencionalizadas deixarão de manter a conexão necessária com o mundo externo e sincronia com a cultura atual.